

CARLOS SELVAGEM

(Lisboa, 13/08/1890 – Lisboa, 04/06/1973)

Pseudónimo de Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos, militar, historiador e dramaturgo.

Carlos Selvagem, a alcunha recebida no Colégio Militar, que frequenta entre 1901 e 1907, é adoptada mais tarde como nome literário, com o qual assina uma vasta e reconhecida obra. Militar de carreira, o autor combate na I Guerra Mundial, no norte de Moçambique. Cerca de duas décadas mais tarde exerce cargos de alto rango em África, tendo sido nomeado governador do distrito de Inhambane (1931-34) e da província da Huíla (1934-35), bem como comandante militar de Cabo Verde.

Entre giestas, «drama rural» apresentado no Teatro República (ex- D. Amélia e futuro São Luiz), em 1917, dá início a uma importante carreira teatral que se prolongará até 1966. A peça, bem recebida pela crítica, insere-se num teatro de tendência regionalista, que assoma em alguns textos apreciados pelo público urbano lisboeta «entusiasmado com episódios que supostamente trazem até à capital portuguesa a linguagem, os trajes e o ambiente da província» (Bastos / Vasconcelos 2004: 108). Aliás, a acção de grande parte da obra de Carlos Selvagem irá desenvolver-se, como lembra Luiz Francisco Rebello, fora da capital: no Entre Douro e Minho (*Ninho de águias*, Teatro do Ginásio, 1920), na Beira Baixa (*O herdeiro*, Teatro Politeama, 1923), no Alentejo (*Miragem*, Teatro Nacional Almeida Garrett, 1925), e numa vila raiana da Beira (*O anjo rebelde*, Teatro Nacional D. Maria II, 1962). No entanto, o dramaturgo irá ultrapassar o regionalismo pitoresco, pois, como salienta Rebello, a localização «era apenas a moldura que enquadrava um conflito que poderíamos dizer atópico» (2010: 250). É a «sombra tutelar de Ibsen» que o estudioso vislumbra no «tríptico constituído por *Ninho de águias*, *O herdeiro* (seu vértice) e *Miragem*. Nelas uma sociedade que buscava aturdir-se e afogar no sobressalto dos sentidos o vazio e o tédio numa existência sem bússola é implacavelmente posta em acusação» (*ibid.*).

O apreço por Carlos Selvagem traduz-se na apresentação regular das suas peças no palco do Teatro Nacional (Almeida Garrett a partir de 1910, renomeado D. Maria II em 1939) até à data do incêndio que devastou a sala de espectáculos, em 1964. Além das peças já mencionadas, o teatro integra no seu repertório *Cavalgada nas nuvens* (1922), «episódio histórico» que recupera a batalha de Alcácer Quibir, sendo interpretada por Eduardo Brazão, e a comédia *Auspicioso enlace* (1923), escrita em colaboração com André Brun, e com encenação de Augusto Melo. A assiduidade mantém-se quando a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que já havia estreado *O herdeiro*, no Teatro Politeama, e representado com êxito *Entre giestas*, no Teatro S. Carlos (1921), numa encenação de um impressionante realismo cénico levada a cabo por António Pinheiro (Leal 2016: 30), passa a explorar o Teatro Nacional. Será a célebre dupla/empresa teatral a estrear a peça em 3 actos *Telmo, o aventureiro* (1937), o drama burguês *A encruzilhada* (1941), a «farsa heroica» *Dulcineia ou a última aventura de D. Quixote* (1944), com cenário e figurinos de Almada Negreiros, *Balada de Outono* (1945) e a peça em 3 actos *Espada de fogo* (1949).

Em outros espaços da capital são representadas: a pantomima-bailado *Serenata de Polichinelo* (redigida em 1927 [?]), que mostra assim a versatilidade do autor; a

comédia em 3 actos *Charleston* (Teatro Politeama, 1929), escrita em colaboração com João Correia de Oliveira e Luís de Oliveira Guimarães; *A farsa do amor* (Teatro do Ginásio, 1951), escrita em colaboração com Henrique Galvão, será encenada por António Pedro; e *A Bela Impéria* (Teatro Avenida, 1966), a última peça de Selvagem, voltará a contar com a interpretação de Amélia Rey Colaço, em mais uma produção da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

O interesse do dramaturgo pela recuperação do passado histórico manifesta-se, ainda, na elaboração de outras peças que não chegaram a ser representadas, como a tragicomédia *Os Távoras*, editada em 1961, e *Garça Real*, que permaneceu inédita até à publicação do *Teatro Completo com peças inéditas* (1997), em dois volumes, organizada por Duarte Ivo Cruz, que também inclui os inéditos *Noite de São Silvestre* e *D. Leonor - Flor de Altura*. Ainda no âmbito da historiografia, Carlos Selvagem escreve o romance *Ave-do-paráiso* (1928), o compêndio de história militar e naval *Portugal Militar* (1931), mais dois estudos sobre *Leonor Teles* (1956) e *D. Henrique* (1959). Também publica contos infantis e, em colaboração com Hernâni Cidade, elabora uma série de volumes sobre Cultura Portuguesa.

Nacionalista convicto, estudioso e defensor do Império Colonial, Carlos Selvagem manteve uma atitude crítica quer em relação às políticas do Estado Novo, quer à sociedade do seu tempo. A sua produção teatral é reflexo da atmosfera social em que viveu e do seu posicionamento frente aos acontecimentos, evidenciando-se o ideal de moral que atravessa toda a sua obra e «pelo qual ele tentou pautar a sua vida, a nível pessoal e profissional» (Jorge 2007). Luiz Francisco Rebello distingue Selvagem como um dos melhores dramaturgos do seu tempo e elege *O herdeiro* como uma das peças mais consistentes e tecnicamente apurada, colocando-a ao lado de *Zilda* e *O lodo* de Alfredo Cortez, *Octávio* de Vitoriano Braga e *A vizinha do lado* de André Brun. Já no seu tempo, um crítico tão pouco consensual como Artur Portela considerava a peça de estreia, *Entre giestas*, “uma obra prima”, enquanto «*O herdeiro* é uma peça que se aceita e que se discute, que enobrece quem a escreveu e quem a comenta» (A. P. 1923: 4). Muito embora o texto revele algumas fragilidades, por exemplo na construção do protagonista, que «tem desenho, carácter, ainda que por vezes bastante frouxo», mas cujos pontos fortes despertam a maior admiração: «O diálogo é duma formidável beleza [...] A linguagem mantém-se numa altura a que ainda, nenhuma outra, em teatro, chegou» (*ibid.*).

Em 1944, em ocasião da apresentação de *Dulcineia ou a última aventura de D. Quixote*, João Pedro de Andrade escreveu um extenso texto no qual reconhece «um singular talento do dramaturgo», os muitos símbolos presentes «[n]uma peça para intelectuais e para o povo, que repugna à compreensão média e apegada à rotina» (Andrade 2004: 153-155). Ressalvadas certas debilidades, «em que é difícil discernir a parte que compete ao autor da que possivelmente lhe foi imposta», regista-se o «crescendo de interesse, que vai da apresentação de sentimentos comuns e lineares de personagens fantoches, até à complexidade de situações em que aqueles que se agitam já como seres humanos, transformados em fibras sensíveis os cordelinhos que lhes moviam membros e cabeças» (*ibid.*: 156), sendo esta, afinal, “uma peça europeia, de tema universal» (*ibid.*: 164).

Em meados dos anos 50, aquando de uma reposição de *O herdeiro*, João Pedro de Andrade, pesando prós e contras, como é seu costume, confirma estar perante um

«dramaturgo de fibra, escritor de raça», sendo as fragilidades da peça «produto dum excesso de qualidades. É excessiva a qualidade do diálogo, abundante em referências literárias [...] que porventura atordoam o público, sem o interessar» (Andrade 2004: 80-81). O que não prejudicaria a sua «afirmação pujante, bem longe do quase permanente amadorismo da nossa dramaturgia. Ibsen inspira, de longe, aquele inconformismo social que assume aspectos de libelo atirado à face duma sociedade refinadamente egoísta [...] Shakespeare dá-lhe o tom do diálogo no terceiro acto [...] Poucas vezes tão altos mentores se aliaram para guiarem passos que conduzissem a obra tão una e pessoal» (*ibid.*)

Terminada a actividade de autor directamente ligado à escrita para o palco, Carlos Selvagem desempenha o cargo de presidente da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses desde 1968 até ao ano da sua morte, em 1973.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. P. [Artur Portela] (1923). «As “Premières” de sábado: “O herdeiro” de Carlos Selvagem [...]» in *Diário de Lisboa*, 2 de Abril, p. 4.

BASTOS, Glória / VASCONCELOS, Ana Isabel (2004). *O teatro em Lisboa no tempo da Primeira República*. Lisboa: IPM, Museu Nacional do Teatro.

CRUZ, Duarte Ivo (1997). «Introdução ao teatro de Carlos Selvagem» in Carlos Selvagem, *Teatro completo com peças inéditas*. Introdução, pesquisa e análise crítica de Duarte Ivo Cruz. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

JORGE, Helena Isabel dos Anjos Reis (2007). *O olhar de Carlos Selvagem sobre Portugal d'aquém-mar e d'além-mar: historiografia: dramaturgia: narrativa*. Tese de doutoramento em Literatura na especialidade de Literatura Portuguesa apresentada à Universidade Aberta.

LEAL, Joana d'Eça (2016). *Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos de Teatro da FLUL / Teatro Nacional D. Maria II / Teatro Nacional São João. Coleção Biografias do Teatro Português.

REBELLO, Luiz Francisco (2010). *Três espelhos: Uma visão panorâmica do teatro português do Liberalismo à Ditadura (1820-1926)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Rita Martins

Sebastiana Fadda